

Os homens não imaginavam que tivessem alguma participação no nascimento de uma criança, o que continuou sendo ignorado por milênios. A fertilidade era característica exclusivamente feminina, estando a mulher associada aos poderes que governam a vida e a morte. Embora tudo indique que tivesse mais poder do que o homem, não havia submissão. A ideia de casal era desconhecida. Cada mulher pertencia igualmente a todos os homens, e cada homem, a todas as mulheres. O matrimônio era por grupos. Cada criança tinha vários pais e várias mães e só havia a linhagem materna.

Arqueólogos encontraram quase 200 estatuetas que testemunham o culto à fecundação. Nenhuma representa o ato sexual ou qualquer sinal de erotismo. A maioria foi descoberta na Europa Central e data de uma época entre 30000 e 25000 a.C. Eram feitas de marfim de mamute, pedra macia ou argila misturada com cinza e depois cozida. O rosto nunca era retratado.

Ao que parece, o símbolo sexual do período Paleolítico foi a mais famosa dessas estatuetas: a Vênus de Willendorf, desenterada nesse local, próximo a Viena, na Áustria. Tem mais ou menos 12 centímetros de altura e representa uma mulher de nádegas e seios imensos, quadris largos, barriga muito proeminente e uma grande fenda vaginal. Seu significado é discutido. O mais provável é que seja uma deusa primitiva da fertilidade. Supõem alguns, entretanto, ser expressão do erotismo masculino, isto é, “um análogo remoto da atual revista *Playboy*”.¹

O prazer encontrado nessas figuras sexuais causou indignação em alguns historiadores contemporâneos. “A vida sexual na era Paleolítica deve ter sido sem qualquer erotismo, porque essa Vênus não passava de um monte de banha”,² afirma um deles. Talvez a gordura funcionasse como proteção contra o frio, mas, também, nada indica que a estética ocidental moderna se aplique ao Paleolítico. Ao contrário, temos de levar em conta que o homem da Idade da Pedra pudesse vê-la como objeto de seu

desejo, ansiando por refestelar-se nas banhas de sua Vênus após um dia exaustivo dedicado à caça.

Os vestígios Paleolíticos de estatuetas femininas, assim como as pinturas e os objetos encontrados em mais de 60 cavernas desse período, revelam uma forma de religião em que o feminino ocupava um lugar primordial. São manifestações do culto a uma deusa-mãe como fonte regeneradora de todas as formas de vida. Ao longo dos milhares de anos que se seguiram, a adoração à Deusa intensificou-se em culturas cada vez mais avançadas.



A paz primitiva ↗

No ano 10000 a.C. o gelo começou a recuar para o Norte, modificando o clima e, com isso, a vegetação. No Oriente, surgiram campos naturais de trigo e cevada. Na ausência da roda e de animais de carga, era impossível para os homens transportar os alimentos colhidos. Decidiram, então, mudar-se para perto das plantações, fazendo surgir, assim, as primeiras aldeias. Além de colher, passaram também a plantar cereais. Do VIII ao VI milênio, houve uma transformação radical na vida das populações. É a chamada Revolução Neolítica.

A agricultura estabeleceu-se definitivamente em 6500 a.C. Presume-se ter sido uma invenção da mulher, devido às constantes ausências do homem. Com o passar do tempo, os homens foram se dando conta de que, matando sistematicamente os animais, poderiam provocar sua extinção. Começaram, então, a domesticá-los, e foram abandonando a caça; assim, a agricultura ganhava mais importância. Acreditava-se que a fecundidade da mulher influenciava a fertilidade dos campos. Tal associação fez com que ela alcançasse um prestígio nunca antes vivenciado. A mãe era a

personagem central nessa sociedade. A mulher, assim como a Deusa, tornava-se poderosa no imaginário da época.

Entre 6500 e 5600 a.C., na Anatólia do Sul, atual Turquia, surge a maior e mais antiga cidade conhecida: Çatal Huyuk. Nela foram encontradas casas decoradas com relevos femininos: mulheres grávidas e figuras com pares de seios. A deusa de Çatal Huyuk, Pótnia, é representada com uma pantera de cada lado, em cujas cabeças ela coloca as mãos, demonstrando seu poder de mãe e, ao mesmo tempo, de senhora da natureza. Origem de inúmeras divindades femininas que reinaram durante muito tempo, mais tarde foi sendo personificada, adquirindo características próprias.

Apesar de múltipla, a Deusa manteve a universalidade. Após a invenção da escrita, em 3000 a.C., foi venerada com o nome de Inanna, na Suméria; Ishtar, na Babilônia; Anat, em Canaã; Astarte, na Fenícia; Ísis, no Egito; Nukua, na China; Freya, na Escandinávia; e Kunapipi, na Austrália. Era sempre reverenciada como fonte de vida, como a força que proporciona a existência das plantas e da fertilidade.³

O Neolítico foi um longo período pacífico. As cidades não possuíam defesas. Na arte Neolítica, em vez da representação de guerras, sepultamento de chefes de grupos ou fortificações militares, há a presença de símbolos, admiração e respeito pela beleza e pelo mistério da vida.

Não mais tendo que arriscar a vida como caçador, os valores viris do homem não eram enaltecidos, daí a ausência de deuses masculinos. As súplicas e os sacrifícios eram dirigidos à Deusa e toda atividade econômica estava ligada ao seu culto. Os homens não tinham motivos para se sentir superiores ou exercer qualquer tipo de opressão sobre as mulheres. Continuavam ignorando sua participação na procriação e supunham que a vida pré-natal das crianças começava nas águas, nas pedras, nas árvores ou nas grutas, no coração da terra-mãe, antes de ser introduzida por um sopro no ventre de sua mãe humana.⁴

Culto à Deusa

Ao mesmo tempo que a Deusa era adorada sob nomes diferentes, também assumia formas variadas, como animais e plantas. Apesar disso, podemos falar em fé na Deusa, como sendo única, da mesma forma que falamos em fé em Deus, como uma entidade transcendente. Curiosamente, o culto é, ao mesmo tempo, politeísta e monoteísta.⁵

A Deusa-Mãe reinou absoluta por todo o mundo desde o fim do período Paleolítico até o início da Idade do Bronze. Esse fato está diretamente ligado ao desenvolvimento da agricultura, fazendo com que os valores da vida se tornem predominantes e vençam o fascínio da morte. Durante esse longo reinado, foram encontradas, no sudeste da Europa, aproximadamente 30 mil estatuetas representando personagens femininas. Suas características físicas assemelham-se à Vênus do período Paleolítico: ancas largas, seios volumosos e ventre saliente. Como símbolo de fertilidade, era associada, sobretudo, à serpente, significando regeneração e metamorfose. Era comum tomar a forma dos animais com que se acasalava e, assim, engendrava cada espécie. Poderosa, produzia todos os seres. Na sua forma humana, três aspectos estavam sempre presentes: nudez, obesidade e acentuada feminilidade.⁶

O Universo era uma mãe generosa. A Deusa o governa, proporcionando bem-estar a seu povo. Nos santuários de Çatal Huyuk e Hacilar foram encontradas representações da Deusa grávida e dando à luz. Assim como toda vida nasce dela, retorna a ela, na morte, para renascer. "Se a imagem religiosa central era a de uma mulher dando à luz e não, como em nosso tempo, um homem morrendo na cruz, não deixaria de ter sentido deduzir que a vida e o amor à vida — em vez da morte e o medo da morte — dominavam a sociedade, assim como a arte."⁷

Por meio da arte neolítica, percebe-se que o objetivo da vida não é a conquista e o domínio, nem o propósito da Deusa é o de exigir obediência, punir e destruir, mas, ao contrário, o de dar. É o cultivo da terra e o fornecimento de meios materiais e espirituais para uma existência satisfatória. A ausência de imagens de dominação ou guerra reflete uma ordem social em que homens e mulheres trabalhavam juntos, em parceria igualitária, em prol do bem comum.⁸

Durante muito tempo acreditou-se que, se a pré-história não era patriarcal, com certeza teria sido matriarcal. A ideia geral era que, se os homens não dominavam as mulheres, obviamente, as mulheres dominavam os homens. A dificuldade em admitir uma organização social em que uns não dominem os outros é característica do pensamento patriarcal da nossa época. As descobertas arqueológicas de que dispomos hoje, aliadas a novas tecnologias, trouxeram valiosos conhecimentos, aumentando a compreensão do passado. A estrutura social pré-patriarcal era igualitária. Apesar da linhagem ter sido traçada por parte da mãe e as mulheres representarem papéis predominantes na religião e em todos os aspectos da vida, não há sinais de que a posição do homem fosse de subordinação.

Os mais de 15 mil anos de paz, em que homens e mulheres viviam em harmonia consigo mesmos e com a natureza, foram encerrados quando um deus masculino decretou que a mulher era inferior ao homem e que deveria ser subserviente a ele. Dividida, assim, a humanidade, em duas partes, feminina e masculina, com o domínio de uma sobre a outra, todas as relações humanas se adaptariam a esse modelo.⁹

A descoberta da paternidade

Quando abandonaram a caça, os homens começaram a participar das atividades das mulheres. Inicialmente, ajudavam na árdua tarefa de desbravar a terra com enxadas de madeira, o que exigia bastante força física. Tempos depois, domesticaram os animais e os incorporaram à agricultura, usando um arado primitivo. A convivência cotidiana com os animais fez com que percebessem dois fatos surpreendentes: as ovelhas segregadas não geravam cordeiros nem produziam leite, porém, num intervalo de tempo constante, após o carneiro cobrir a ovelha, nasciam filhotes. A contribuição do macho para a procriação foi, enfim, descoberta, mas não apenas isso. Os homens perceberam que um carneiro podia emprenhar mais de 50 ovelhas! Com um poder similar a esse, o que o homem não conseguiria fazer?¹⁰

Não é difícil imaginar o impacto dessa revelação para a humanidade. Após milhares de anos acreditando que a fertilidade e a fecundação eram atributos exclusivamente femininos, os homens constatam, surpresos, que o que fertiliza uma mulher é uma substância nela colocada: o sêmen do macho! A partir daí, há uma ruptura na história da humanidade. Transformam-se as relações entre homem e mulher, assim como a arte e a religião. O homem, enfim, descobriu seu papel imprescindível num terreno em que sua potência havia sido negada.

A reação masculina eclodiu com a força e a ira de quem fora durante muito tempo enganado. O homem foi desenvolvendo um comportamento autoritário e arrogante. Daquele parceiro igualitário de tanto tempo, a mulher assistiu ao surgimento do déspota opressor. A superioridade física encontra, então, espaço para se estender à superioridade ideológica.